

## DUAS CIÊNCIAS AUXILIARES DA HISTÓRIA A GENEALOGIA E A HERÁLDICA

por José Augusto P. Sotto Mayor Pizarro

É vulgar, para quem, como nós, frequenta o curso de História, verificar o interesse da *Epigrafia*, da *Numismática*, da *Paleografia* e da *Diplomática* como preciosos auxiliares de investigação. Mas raramente se faz referência a outras ciências como a *Genealogia* e a *Heráldica*, e quando tal acontece isso é feito tão superficialmente que nem chega a despertar a nossa curiosidade. Só quem, por qualquer motivo, tenha lido algo mais sobre a matéria, se pode dar ao «luxo» de maiores pormenorizações. E isto é tanto mais grave quanto sabemos que algumas daquelas ciências se socorrem destas para melhor se poderem explicar.

A que se deve pois, este esquecimento? Não acreditamos, como o doutor António de Vasconcelos, que:

«... a heráldica (1) sciencia moderna e interessante, entre nós [seja] geralmente repudiada com desdém pela simples razão de ser desconhecida...» (2).

Nos nossos dias já não podemos aceitar esta explicação. Antes pensamos que ainda existe um certo temor em relação aos estudos genealógicos e heráldicos (ou talvez ainda, maior desconfiança por aqueles que os fazem... ). Mas se bem que esse temor seja hoje em dia despropositado, porque felizmente o espírito que norteia os actuais investigadores é, na generalidade dos casos, o da verdade despida de vaidades ou de mesquinhas prosápias, alguma razão tem para existir: «(. . .) Os linhagistas dos Séculos XVII e XVIII (. . .) realizaram uma obra notabilíssima, recolhendo e juntando notícias que nos são hoje preciosas (3). Mas ao mesmo tempo, com as suas preocupações nobiliárquicas de «entroncar bem» as famílias de que se ocupavam, fazendo-as remontar a uns vagos Bermudos e Ordonhos, quando não mais longe, até aos próprios Adão e Eva lançaram sobre os estudos genealógicos tal descrédito que ainda agora, muito boa gente sorri e desdenha das investigações linhagísticas» (4), ou como afirmava o Abade de Baçal: «Nota-se nos nobiliários antigos a preocupação de filiar a origem das famílias nobres nos reis godos, (. . .) e há linhagista todo ancho da autenticidade incontestável das suas linhas avoengas neo-romano-góticas esmaltadas de basta pancadaria em lombos agarenos, como quem malha em centeio verde !! E há quem se diga fidalgo pela graça de Deus, isto é, desde sempre, por se não poder fixar a época em que apareceu como tal!» (5). Mas, repetimos, hoje

---

(1) — Esta observação parece-nos igualmente válida para a genealogia.

(2) — VASCONCELOS, António de — *O Escudo Nacional Português*, in «A Lusitania», Lisboa, III 1924.

(3) — A título de exemplo percorra-se a História Genealógica da Casa Real Portuguesa de D. António Caetano de Sousa.

(4) — FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e. in *Fidalgos e Plebeus de Portugal — Apontamentos Genealógicos* de Eduardo Adolfo Vieira Borges Zander d'Almeida Jernstedt S./l. [1951]. (Prefácio de)

(5) — ALVES, Francisco Manuel (Abade de Baçal) — *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança — OS FIDALGOS — Tomo VI*, Bragança, Reedição do Museu do Abade de Baçal, 1981, pp. IX-X.

em dia, os genealogias e heraldistas felizmente não se perdem nessas fantasias, e muito tem contribuído para o melhor conhecimento da nossa História.

Qual é então o contributo da Heráldica e da Genealogia e porquê a sua importância? Antes de mais convirá explicar o que são e o que investigam.

A Heráldica «( . . . ) é a ciência que estuda e interpreta as origens, evolução, significado social e simbólico, filosofia própria, valor documental e a finalidade da representação icónica da nobreza, isto é, dos escudos de armas.» (6). Ao propôr esta definição, ligada intimamente com a nobreza, não queremos deixar de apontar que, muito embora a heráldica de família seja a heráldica propriamente dita, ela se estendeu depois a outros campos (por exemplo a heráldica eclesiástica, de domínio e de corporação).

Para além da sua função social, «A importância da heráldica nos estudos históricos, quer políticos, quer sociais, é manifesta. Sem ela é impossível estudar convenientemente a Idade Média, sendo o seu conhecimento indispensável para a boa compreensão de muitos assuntos. Especialmente no campo da cronologia e da identificação, a sua interferência é valiosa.» (7) e «Conhecer as regras fundamentais que regulam a armaria; saber ler um braço e poder aliar o que ele nos diz, com outros conhecimentos os mais heterogêneos; compreender o que ele representa da história pátria e simboliza na instituição familiar, é saber alguma coisa de necessário, de útil e de interessante.» (8).

Infelizmente, vemos a cada passo a constante destruição desse património, desses testemunhos do passado, e se alguns heraldistas como Armando de Mattos ou Vaz-Osório da Nóbrega, apenas como exemplo, tiveram ou têm, com o seu labor, contribuído para a inventariação das pedras-de-armas de algumas regiões do país, ela não está de modo nenhum concluída e bom era que esse trabalho não fosse nunca abandonado, porque tais testemunhos são património artístico e cultural, são momentos de Portugal. Justo seria que fossem mais acarinhados e protegidos pelas instituições competentes. Para não falar já dos numerosos solares que por esse Portugal fora se vão dia-a-dia degradando, ou por falta de meios dos seus proprietários ou por incuria destes, parecendo esquecer um antigo conselho:

«( . . . ) que tenhais lembrança d'aquelles de quem vindes, que para a linhagem são vossos avós e para as obras são vossos exemplos: ( . . . )» (9).

A Genealogia é, como a palavra indica, a escrita ou registo das gerações, e se a estudarmos não «( . . . ) como instituição social, aliás respeitável porque correspondeu à aspiração mental de um largo período civilizador ( . . . )» (10), mas como parte da História, temos a possibilidade de atingir um variadíssimo campo de investigação, que se não cinge apenas ao sucessivo e árido desenrolar das gerações, mas a todo um mundo que acompanha essas mesmas gerações. Se a genealogia é uma ciência auxiliar de numerosas ciências humanas, ela é também uma ciência própria: a da História das origens e desenvolvimento dos indivíduos agrupados em famílias. A biologia e a genética, a medicina, a demografia, a história geral e a história social e das famílias em particular, socorrem-se portanto da genealogia para as suas investigações.

Mas aqueles que se iniciarem nos seus segredos, têm de ter sempre em atenção o seguinte: é nos arquivos que a verdadeira genealogia se constrói, e quantas vezes, ao procurar um antepassado, não se deparam ao genealogista documentos frequentemente inéditos e fundamentais para outras áreas de investigação. . .

Bom seria, como em relação à heráldica, que se procedesse à inventariação de fundos documentais particulares, para que se possam os investigadores saber quais as hipóteses que têm de melhor documentarem os seus trabalhos.

---

(6) — MATTOS, Armando de— *Manual de Heráldica Portuguesa*, Nova Edição, Porto, Liv. Fernando Machado, s./d., p. 15.

(7) — Idem, o. c., p. 19.

(8) — Idem, *A Heráldica e a Genealogia*, V.N. de Gaia, Edições Apolino, 1930, p. 11.

(9) — ANDRADE, J. Freire de— *Vida de D. João de Castro*, Paris, 1856 citado por Armando de Mattos in «A Heráldica e a Genealogia», V.N. de Gaia, Edições Apolino, 1930, p. 12.

(10) — ALVES, Francisco Manuel (Abade de Beiral) — O. c., p. VII.

Parece-nos neste momento importante referir a necessidade de reeditar algumas obras da especialidade, já de muito difícil aquisição e que, por isso mesmo, originam a desmotivação de quem se inicia nestes estudos. Estão neste caso a História Genealógica da Casa Real Portuguesa de D. António Caetano de Sousa ou o Nobiliário de Felgueiras Gayo, e é com agrado que vemos a reedição dos Livros Velhos de Linhagens, promovida pela Academia das Ciências de Lisboa que, confiando ao Professor Doutor José Mattoso essa tarefa, deu prova da importância desses monumentos da nossa literatura e historiografia medievais.

Sobre a importância de que se revestem os nobiliários medievais e principalmente o do Conde de Barcelos, D. Pedro, parece-nos importante deixar aqui as palavras de dois historiadores portugueses, que nunca poderão ser apodados de amantes das prosápias aristocráticas, e cuja obra sobre a matéria sobretudo a do segundo é uma prova de que a genealogia e a heráldica não são um «Hobby para pessoas idosas», mas sim ciências importantes para o estudo da História — Alexandre Herculano e José Mattoso. Afirma o primeiro: «O Livro das Linhagens, chamado do Conde D. Pedro, é o livro não de um homem, mas sim de um povo e de uma época: é uma espécie de registo aristocrático, cuja origem se vai perder nas trevas que cercam o berço da monarquia. (. . .) No estado, pois, em que idade média no-lo herdou, elle continha não só as linhagens das nobres famílias, mas também o espírito, a indole, dessa larga serie de annos. A singeleza, a credulidade, os costumes de então surgem ali ás vezes inesperadamente no meio do arido catálogo das gerações, que é por assim dizer o seu pensamento radical, a sua essência, e foi o seu primeiro destino. Nas suas páginas sente-se viver a idade média: ouve-se a anedota cortesã, de amor, de vingança, ou de dissolução, como a contavam escudeiros e pagens por sallas d'armas, e as lendas como corriam de boca em boca, narradas pela velha cuvilheira juncto do lar no inverno. Assistimos, por meio d'elle, ás façanhas dos cavalleiros em desagravo da propria honra, aos feitos de lealdade, ás covardias dos fracos, ás insolências dos fortes, e, enfim, a grande parte da vida intima do solar do infanção, do rico-homem e do paço real, que as chronicas raro nos revelam, e que a história, como o seculo XVI a reformou e puliu, achou indigna de occupar os seus periodos brilhantes moldados pelos de Sallustio e de Livio. (11). Na mesma linha refere José Mattoso em relação aos Livros de Linhagens: «Quanto a fontes, [para o estudo da nobreza medieval portuguesa] podemos dizer, para contrastar com as lamentações dos investigadores de outros campos históricos, onde se procuram antes de tudo os dados quantitativos (como na história económica e na demográfica), que o nosso país possui uma riqueza excepcional. As suas fontes genealógicas, que pretendem, nos três livros conhecidos, atingir a totalidade da nobreza nacional, avultam em todo o panorama da literatura europeia congénere como um caso verdadeiramente singular (. . .). Com efeito, elles constituem fonte preciosa para o estudo do sistema de parentesco adoptado pela nobreza dos séculos XIII e XIV, com uma riqueza de precisões e uma base estatística que creio não ter paralelo em toda a Europa. (. . .) (12). Quanto ao Nobiliário do Conde D. Pedro em particular, acrescenta o mesmo autor: «Trata-se, provavelmente do melhor testemunho da literatura genealógica peninsular. (. . .). É um dos testemunhos mais antigos de mitos populares conservados no norte da Península, e de trechos de carácter novelesco sobre os quais existem poucos dados (. . .). Constitui a única fonte que descreve vários factos da história portuguesa dos séculos XIII e XIV do ponto de vista da nobreza, ao contrário da historiografia régia, que se interessava apenas pelos acontecimentos que exaltavam a memória dos monarcas, (. . .) um precioso testemunho da mentalidade aristocrática nas vésperas da Revolução de 1383.» (13).

Deixando estes dois testemunhos como base, não nos parece despropositado relembrar a importância, a nosso ver evidente, da inclusão da Genealogia e Heráldica como cadeira opcional do «currículo» do curso de História das Faculdades de Letras, tal como, por essa Europa, se vem fazendo desde há muitos anos (14).

---

(11) — HERCULANO, A. — *Sobre a origem provável dos Livros de Linhagens*, Lisboa, Typographia da Academia, 1854, p. 4.

(12) — MATTOSO, José — *A Nobreza Medieval Portuguesa — a família e o poder*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, pp. 13-14.

(13) — Idem, o. c., pp. 96-97.

(14) — Por exemplo o Instituto Salazar y Castro ligado à Universidade de Madrid.

**Bibliografia consultada para além da citada nas notas:**

- DURYE, Pierre – *La Généalogie*, 5. a Ed., Paris, P.U.F., 1979 (N<sup>o</sup> 917 da Coleção «Que sais-je?»).
- FREIRE, Anselmo Braancamp – *Brasões da Sala de Sintra*, Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1973.
- MATTOS, Armando de – *Manual de Genealogia Portuguesa*, Porto, Liv. Fernando Machado & Cia. Lda., 1943.
- SOUSA, D. António Caetano de – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, Vol. I, Coimbra, Atlântida – Livraria Editorial, Lda., 1946.